



Fraternidade Leigos Cavanis
Casa Sagrado Coração, INSTITUTO CAVANIS
Via Col Draga – POSSAGNO (TV)

MOSTEIRO INVISÍVEL - 02.01.2022

Queridos amigos,

*enquanto coloco a mão neste texto, o tempo está se aproximando do natal e, no entanto, penso que, quando celebraremos o nosso Mosteiro Invisível, a liturgia já nos terá conduzido no segundo domingo depois do Natal. É um tempo muito denso no plano espiritual, em que a Palavra de Deus nos fala com insistência não só da Natividade do Senhor do ventre da Virgem Maria, mas também da necessidade de saber gerá-lo nós mesmos, através da fé, no nosso coração e na nossa vida. Maria, que gera Jesus na carne, como nos lembra o bem-aventurado Isaccio da Stella, é não apenas a imagem da Igreja que gera Cristo sacramentalmente, mas também a imagem de cada alma crente que gera Jesus na fé. Somos, portanto, chamados a assumir um forte compromisso que, superando cada forma de intimidade e retração em nós mesmos, em vez nos empurre para o testemunho ativo da fé. Também gosto de pensar em outro esforço gerador; há outra realidade que está esperando para ser gerada à vida e pela qual temos responsabilidade. Penso na grande experiência da nossa **FLC** da qual somos protagonistas e custódios; Penso na responsabilidade que temos respeito ao dom do carisma Cavanis, que deve viver e participar também através a humildade do nosso esforço e à nossa capacidade de o sermos sinal; penso no entorpecimento que pesa sobre a nossa realidade associativa e que muitas vezes a mortifica; Por fim, penso na profecia que nos chega deste Natal do Senhor que nos convida a gerar e fazer viver a luz do carisma educativo Cavanis em nossas realidades. Quero confiar (é ao mesmo tempo um presságio, uma oração e uma espera) que o que virá será o ano do reinício da nossa realidade leiga Cavanis. Juntos novamente, partindo da amada casa do Sagrado Coração (que idealmente escolhemos como sede desde a nossa fundação), vamos restaurar as fileiras de um discurso interrompido mas não concluído e partiremos novamente com impulso para um caminho de serviço e da Igreja.*

Aproveito dessa oportunidade para desejar a todos um Natal repleto de bênçãos do Céu. Que Maria, Mãe e Rainha das Escolas de Caridade nos acompanhe sempre com a sua intercessão.

Aleluia!

Do Evangelho segundo João (1, 1-14)

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.

Ele estava no princípio com Deus.

Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez.

Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens.

E a luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam.

Houve um homem enviado de Deus, cujo nome era João.

Este veio para testemunho, para que testificasse da luz, para que todos cressem por ele.

Não era ele a luz, mas para que testificasse da luz.

Ali estava a luz verdadeira, que ilumina a todo o homem que vem ao mundo.

Estava no mundo, e o mundo foi feito por ele, e o mundo não o conheceu.

Veio para o que era seu, e os seus não o receberam.

Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, aos que crêem no seu nome; Os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus.

E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade.

De “Os escritos inéditos de Pe. António Cavanis para os Exercícios Espirituais” (AICV, b. 14 GO, pp. 281-2)

Deus é nosso Pai porque nos criou e porque nos fez à sua imagem e porque nos protege, nos sustenta e nos alimenta. Assim é o Pai para todos os homens. Mas nós o dizemos Pai no sentido mais nobre, e é por ter sido adotados como filhos por meio da graça. Para todos os outros Ele dá apenas presentes vis, e para nós mantém a herança. Se Ele deve ser chamado Pai, portanto, com dupla afeição: com afeição de um filho na ordem da natureza e com a afeição de um filho na ordem da graça. Na ordem da natureza, devemos ser todos dele mais do que a árvore não é para o benefício do dono que a plantou com todas as folhas, flores, frutos. Pela ordem da graça devemos a ele não só todo o nosso ser, mas ainda o dele, que começou a nos participar com a intenção de um dia nos tornar todos semelhantes a ele na glória, como somos semelhantes a ele na graça. No Antigo Testamento, os Santos também eram filhos adotivos de Deus, porque também recebiam graça por causa de sua fé no futuro Libertador; mas não ousavam chamar Deus Pai, exceto no que diz respeito à criação, porque eram como crianças sob o guarda da Lei (...). Mas nós saímos da servidão onde não apenas somos filhos de Deus, mas também somos

chamados: vocabuntur filii Dei vivi (Rm 9,26), jam non sumus servi, sed filii. Mas como agora, por amor de Cristo, nos chamamos com liberdade filhos de Deus, assim Ele quer que chamemos Deus Pai livremente. Estamos no mesmo grau que Jesus Cristo: Ele é filho de Deus por natureza e nós por adoção. Afinal, ainda somos verdadeiros filhos e adultos.

